

O JOGO DA VIDA

Livro 106

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



RELÓGIO DE PAREDE

Uma caixa de madeira abriga aquele que nos avisa o Presente. Acolhe a dança de dois ponteiros que se cruzam, cada qual como um pássaro. Badaladas avisam a vida das horas, enquanto um cordão umbilical tique-tateia um pêndulo que segue lendo o tempo.



O SONHO DOS LIBANESES

Teu sonho ativou meus motores rumo ao Líbano, amigo Samir, não sei se sonhas teus sonhos ou se sonhas os meus, nascem gemelares parindo saudades afins, nossa terra nos espera, que o tempo nos dê o tempo de virar os ventos que agitem até algum porto o cedro da nossa bandeira.

DAR SENTIDO À VIDA

Protegerei a lembrança transportadora, a experiência intacta, ficarei como o acolhimento que em silêncio guarda vivo a vida vivida, sentirei como o afeto motor que ativa o tempo fazendo a magia de eternizar a presença.



GUIA DAS PARREIRAS

Meu pai contou-me que, ainda criança, lhe haviam ensinado no Líbano que uma vez replantada a guia das parreiras, as uvas saíam sem sementes. Será que a natureza ao dar-nos a graça de sermos avós fez os netos mais palatáveis como se fossem filhos replantados?

NOSSO DESTINO

Nosso destino como capital humano da espécie sempre será ser portadores de uma herança das compreensões humanas a serem repassadas adiante.



ATOS HUMANIZADOS

O Ser Humano depende de atos humanizados para viver e para sobreviver.



A HERANÇA CIVILIZADA

A herança civilizada que constrói as raízes da gratidão e do reconhecimento está ameaçada pelo vírus da Cultura Intencionalmente Negadora da memória atávica que dota o ser humano de uma estimada identidade como espécie.

O MAL

O mal nunca saiu de moda. A boa intenção neutraliza?



AS ONDAS

As ondas se despegam do mar sobre a praia, ali deixam parte dos seus mistérios, de tudo o que assistiram no seu trajeto, incluindo sol, lua, ventos e estrelas, balsas transportadoras e os remos solitários indicando naufrágios. Faltaram escutas, nos silêncios vazios pesavam omissões de socorros, os braços salvadores e as últimas esperanças arrastadas, submergindo evidências, engolindo o futuro.

PALAVRAS

As palavras são úteis às lembranças, aos relatos, à transmissão do percebido, o que nos agrada, e desagradada, o som que inicia e termina a vida. Elas, as palavras, albergam e demitem, fidelizam e tracionam, indicam o caminho do umbigo e da cova, quem levará nossos pertences, entenderá nossos fastios e dará voz aos nossos testamentos? Qual vento soprará nossas cinzas, quais lembranças nos ressuscitarão do exílio eterno?



A IGNORÂNCIA É UMA ARMA

O sangue que corre nas nossas veias reclama sua história, há uma guerra contra a gratidão, o afeto e a memória. Há quem borre a milenar natureza degradando os corpos e glorificando a cultura do extermínio. A ignorância é uma arma engatilhada na tecnologia e detonada pelo abuso e a concentração de poderes.

O FIM DA ESPÉCIE HUMANA

Matando as palavras, matam a poesia, fechando os livros encerram o saber, esvaziam os sentidos, encerram os vínculos, matam a infância enterram a inocência, usam o próximo, transformam o sujeito em objeto, incentivam e banalizam os vícios, se autorizam à destruição das virtudes.



PORQUE ALGUNS SONHAM EM SER PÁSSAROS?

Sedentos de movimentos os pássaros migram em bando, cantam em busca do amor, avisam-se desejosos, seus ouvidos são nobres em ouvir, falam das estações, da conjugação de corpos, gostam de ramos para fazer seus ninhos, gostam das chuvas com sabores de florestas, festejam suas terras alimentadoras. Eles lamentam a velhice porque não poderão mais fazer viagens. Contemplar as montanhas em pleno voo, encontrar algum humano que fale com eles, saúdam as flores

que lhes alimentam e o campo por outras alegrias, descem dos céus para os bosques exuberantes de vida, observam as árvores com paixão. Naquele silêncio eles escutam melhor por onde andam, são plantadores, transportam sementes, a vida alada por eles carregada na dança sem tréguas, razão da sua existência.



TENTO GUARDAR

Há lembranças que não gosto de recordar, o que não me interessa deixo por aí, como anônimos sepultados. Renuncio aos seus domínios, já que a vida passa de forma inesperada. Tento guardar toda a minha vida num cômodo, mesmo que não caiba buscarei outras onde guardar saudades excedentes.

SUBLINHO

Rabisco meus livros para deixar marcas do que gostei de haver lido, navego por essas manchas que me levam de regresso por esse atalho, diminuo o trabalho de sempre ter descoberto novos assombros, multiplicar tarefas para chegar ao mesmo fim, falsos paralelos. As marcas em meus livros livram as páginas de serem insossas, marcadas são como lenhas que alimentaram as minhas fogueiras, enriqueceram a minha existência.



TESTAMENTO

A Atemporalidade domina o calendário, o espaço transcende a paisagem, somos apenas, nesse breve momento da vida, um elo da corrente humana. A cultura milenar se entranha nos ossos, músculos e sangue, esculpe a alma.

Mesmo que não saibamos, é assim, pois a identidade é uma construção que silenciosamente faz-se presente,

abreviei dessa maneira minha percepção da passagem entre meus antepassados e meus herdeiros, eu sei ser esse meu testamento. A vida deu-me muito mais do que esperava, quero devolver o excedente recebido.



PAZ RESGUARDADA

Tendo a paz resguardada ocultam-se os cheiros, as tentações e os vícios. As coisas não são só coisas, as cores são texturas, as costuras são elos, as dores são histórias incompreendidas. Ao cruzar tormentas enfrenta-se as fúrias, os sons que saem das tempestades reverberam depois das chuvas, despenteiam as árvores, suspendem a alegria das crianças brincando, adiam a comemoração até que se restaurem novos sonhos e se aguardem novos solstícios.

ESPERA

Quem depositou um pouco de esperança na minha ânsia, alimentou-me introduzindo a delicadeza da espera, não desapareceu a aridez, mas se fez mentor da calma que adia a urgência. Devo uma visita ao tempo em que minha mãe me dizia que medos acelerados são fraudes gerando angustias desnecessárias, que por mais que eu insista somente haverá paz quando a coerência regresso ao seu lugar e guarde o alerta é sinal, grande parte do que nos faz sofrer na vida se baseia em equívoco ou alarmes falsos. O distanciamento é um domesticador de lembranças mal digeridas, mal disfarçadas que ficam sem luz nem guia a doer na alma uma lembrança enclafada.

PAI

Um fragmento do meu sangue te anuncia, esse teu relato de pastores te anuncia, esse fardo que carrego te anuncia, a força do sentimento te anuncia. Um amigo te avisou que depois do mar havia paz e trabalho, respiravas tristeza, assistisses a fome, a morte, decidisses embarcar teus 16 anos, no cais a mãe e irmãs que nunca voltasses a ver.

Há o destino que ainda te anuncia, misteriosamente meu corpo guarda parágrafos de existência ao se parecer com o teu, com o passar do tempo vai ficando sóbrio necessitando menos coisas cada dia, como o teu, aguentando os desníveis, como o teu, as tuas figueiras e tuas parreiras ganharam novas mudas, comi com as mãos como costume teu, em ti conheci o pão, o sustento do meu infinito nos filhos e nos netos.

O JOGO DA VIDA

A vida muitas vezes não tem nada de simples, aquele impulso domesticado apenas segue a outros limitados em suas iniciativas. A prudência na vida dos mais cuidadosos leva a que não queira ter demasiadas zonas de conflito, só aqueles que pudesse atender. Os menos avisados se arriscam soberbos, alheios aos perigos gastam as chances que a loucura expõe. Deter os passos do sofrimento exige buscar abrigos que fragilizem ao caos. O jogo da vida faz e desfaz nós.



OS SONHOS SÃO ÚTEIS

Os sonhos são uteis para os velhos neutralizarem a intensa presença da realidade imposta, ficando assim, escravos do tempo, os movimentos mais lentos são tentativas de alcançar a perfeição por meio de repousos abdicando ser Fênix renascendo dos incêndios. Os desejos sopram chamas, os velhos as apagam deixando

o impulso em ridículo, costurando os fios da vida poupados dos nós. Os velhos ensurdecem diante do canto das sereias, contentam-se em ouvir o chamamento dos animais no cio. Os anos vão consumindo os calores antes do naufrágio festejando prósperos recreios, cada manhã despertando vivo, cada neto sorrindo contínuo e incessante no enredo, distribuindo vida.



BEIRUTE 4 AGOSTO 2020

Quando as dores da alma se apropriam de tudo, nada é romântico. Se alguém tenta escapar desta indigência logo será marcado. Viver na escuridão obriga a buscar abrigo na lanterna alheia. Cada silêncio esconde uma omissão ou uma indiferença. Presságios de morte evocam nostálgicas lembranças, os fantasmas se agrupam nas mesmas ruas, no caís, denunciando as vidas perdidas. Refugiados nas covas, a paisagem vazia manifesta decepções, vidas interrompidas, impunidades, omissões, mãos assassinas.

SOMOS SERVOS

Fazem-nos saber que somos servos, com falsos argumentos atrevem-se a gritar, golpear, mentir, prender, ofender, humilhar profanando a paz com temores desunem a pessoa consigo mesma, os afetos são alterados para finalmente oferecerem-se como intermediários do acordo estendendo-lhes a vida e adiando a morte.



O QUE FAREMOS DOS LOBOS

O que faremos dos lobos? Exílio ou cadeia, e se antes morrerem? Faremos um epíteto “do cemitério caminho ao inferno”. E se os lobos convencerem as raposas a serem devoradas? Mostraremos as urnas com suas cinzas, os ossos, a pele esfolada o depósito de raposas descuidadas. E se compradas as consciências aparecerem novos candidatos a lobos e raposas? Inventaremos novas leis, novas mentiras, faremos novas partilhas,

alguma decisão morna, normas que confirmem honestidades nas nossas mentiras confundindo, versão da oposição que jamais cria, só desfaz. Prerrogativas legalizadas, aplicações unilaterais, empenhos dúbios valendo privilégios, no ajuste alcançar a impunidade no lugar da responsabilidade e a liberdade protegida no lugar da prisão. Os que ordenam usam as vestes dos sérios, usam vestais escondendo seus podres e por juramento discursam piedade e justiça enquanto agem batalham por ganância e compram e vendem orações e sentenças.



Roberto Curi Hallal

